

ENTREVISTA/ JOSÉ ANIBAL

264

Anibal negocia, mas candidato será tucano

ANA MARIA TAHAN

O presidente nacional do PSDB, deputado José Anibal (SP), iniciou a cruzada atrás de um candidato do partido à Presidência da República. A partir de agora vai procurar cada cacique, nacional e estadual, da legenda para descobrir qual, entre quatro tucanos – o ministro da Saúde, José Serra, o da Educação, Paulo Renato, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o do Mato Grosso, Dante de Oliveira – será capaz de unir o partido e os aliados e convencer a sociedade para se credenciar ao Palácio do Planalto. Não será uma tarefa fácil, mas Anibal está convicto: “O PSDB terá candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique no ano que vem”. A legenda quer recompor a aliança com o PMDB e o PFL, mas não descarta a possibilidade de enfrentar sozinha a caminhada do primeiro turno. “Embora não seja o ideal”, reconhece o presidente nacional da sigla. O escolhido, seja qual for, além de atrair eleitores aqui, precisará ser capaz de completar, no exterior, o trabalho iniciado por FH. “O Brasil é respeitado e ouvido lá fora, e o candidato do partido terá de ser alguém credenciado para manter e ampliar essa projeção.”

– **Na falta de um candidato tucano, a governadora do Maranhão Roseana Sarney, surgiu e ocupou um espaço. O concorrente da aliança pode ser de outro partido que não o PSDB, como o presidente Fernando Henrique falou?**

– O PSDB terá candidato. Esqueçam qualquer outra hipótese. O presidente Fernando Henrique não poderia dizer outra coisa, mas, como presidente do PSDB digo que o partido terá seu candidato.

– **A aliança se mantém?**

– Eu não aposto, mas trabalho por isso, para unir PMDB, PFL, PSDB e outras forças. O desafio da reforma do Estado brasileiro continua aberto – CLT, regulamentação do direito de greve no setor público, reforma tributária, conclusão da reforma previdenciária. O Estado brasileiro, como ele é, produz exclusão. Ainda precisa mudar mais para produzir inclusão. Não basta dizer: “Quero mais Justiça”. Tem de criar os mecanismos e isso não depende só da vontade do governante. Hoje, a rede

de proteção social que o governo FH criou, atende milhões de brasileiros. Precisamos, contudo, consolidar essa rede, ampliá-la. Por isso defendo a necessidade da manutenção dessas forças políticas no poder.

– **Para isso é necessário manter o PSDB como cabeça de chapa? Qualquer um dos outros partidos da aliança não completaria esse projeto?**

– O PSDB foi o partido que encarnou esse programa. Exatamente por isso insisto: o PSDB terá candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, sim.

– **Como fazer a mágica de tirar um candidato com 17% nas pesquisas, como a governadora Roseana Sarney, para colocar outro, com 5%, como ministro José Serra?**

– Isso é hoje, quando o PSDB não tem ainda candidato à Presidência. O PFL fez com a Roseana um bom trabalho, mas quem tem de se preocupar com ela são os concorrentes de oposição. O Lula tem 30% dos votos há 12 anos. Não varia, não sobe, nem desce. Não conseguiu produzir nada novo. Espaço para aventura na eleição do ano que vem tende a zero. Tem espaço para novidade, claro. A Roseana está trabalhando bem este espaço. Os outros três candidatos, Ciro, Itamar e Garotinho patinam. A Roseana chegou e ultrapassou os três. Mas quem disse que o nosso candidato não vai conseguir o mesmo resultado, ou melhor ainda? Não temos candidato hoje. Temos presumidos. O Tasso está no Ceará, o Serra exerce seu trabalho no Ministério da Saúde.

– **Isso não mostra que existia um vácuo e ela ocupou?**

– Não estou torcendo contra a Roseana. Estou trabalhando para que o PSDB tenha candidato. Primeiro porque o presidente Fernando Henrique tem 20% dos votos, ele, pessoalmente, como liderança. Votos que ele transfere para o candidato do partido. Ele vai estar no palanque, não a toda hora, mas sempre que necessário, nos momentos importantes. Além disso, o partido está estruturado nacionalmente, não tem do que se envergonhar, só precisa falar mais, se colocar mais e, no momento certo, apresentar seu candidato.

– **Quando é o momento certo?**

– Depois do Carnaval (9, 10, 11 e 12 de fevereiro), provavelmente em março. Não há pres-

sa. O presidente está administrando e o governo está melhorando.

– **O que vai definir a escolha do candidato?**

– Será aquele que agregar mais o partido, os aliados e a sociedade.

– **Quem vai definir?**

– Em dezembro, vou começar a conversar com os pré-candidatos e os principais líderes do partido sobre qual será o procedimento. O PSDB vai entrar e sair desse processo unido. Isso está muito claro.

– **Prévia está descartada?**

– Praticamente descartada. É um mecanismo sem tradição no Brasil, não tem nem regulamentação.

– **O que impede que o PMDB e o PFL tenham candidato próprio e só refaçam a aliança no segundo turno?**

– Nada impede. Pode acontecer. O ideal é que não aconteça, porque se entra com mais densidade no processo eleitoral. Quando se tem disputa, sempre há desgaste. Se não tiver outro jeito, então vamos separados. Criou-se o segundo turno para isso. Como dizia o nosso saudoso Franco Montoro, no primeiro turno todos se colocam, no segundo, se propõe.

– **O que melhorou para se acreditar que o PSDB vai dar a volta por cima no ano que vem e continuar no poder?**

– O governo e o PSDB chegaram a maio em dificuldades: a crise de energia, o ataque especulativo sobre o real, a Argentina dando sinais fortes de exaustão, a recessão americana e a CPI da Corrupção. A oposição imaginou que estava criado o ambiente de final de governo. Daí a agressividade com que se portou. Hoje a situação mudou substancialmente. Ao longo dos meses, construímos e consolidamos palanques para a eleição de 2002 que nos deixam numa situação melhor do que em 1998. Temos chances de chegar aos governo de 13 Estados, inclusive em Minas Gerais.

– **E a Presidência?**

– Esse é o desafio, construir nossa candidatura. Não estamos em clima de final de governo. Isso só diz quem tem ansiedade para definir candidato. Não tenho essa ansiedade. Quem tem de tê-la é a oposição. Observe o último Ibope. O Ciro Gomes, o Itamar Franco, o Anthony Garotinho, todos têm menos votos do que tinham. E o Lula, como falei, não sai dos 30%.



O presidente José Anibal vai perguntar aos caciques do partido quem é o candidato ideal